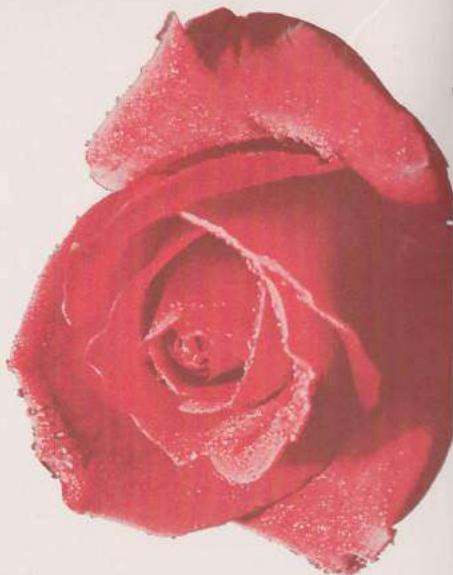


A Lição do Dinheiro



22 • A Lição do Dinheiro

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/MARIA DOLORES/91

Ele era salteador pela primeira vez.
O cofre agora aberto estava à mão.
E, lá dentro, ele viu, ante a casa vazia,
Um pacote mostrando que trazia
A soma respeitável de um milhão.

Dispunha-se a empalmar toda a quantia...
Quando o dinheiro lhe falou
Em forma de conselhos e queixumes:

— Pensa, amigo,
Na obrigação que assumes,
Ao levar-me daqui, nas condições de um louco,
Já que podes buscar-me em compromisso
Entre a força da fé e a bênção do serviço
Retirando-me em paz, lidando pouco a pouco,
Não quero ser motivo
Para que sejas preso como eu vivo.
Fui criado por Deus para fazer o bem,
Não desejo aumentar as lutas de ninguém
Quero sair daqui para ser agasalho
Aos que gemem sem teto e sem trabalho.
Anseio consolar as mães que padecem na estrada,
De alma aflita e cansada,
Ante a dor dos filhinhos

A esmolarem socorro em remotos caminhos;
 Espero ser o apoio do homem triste
 Que de tanto sofrer necessidade,
 Já não sabe se resiste
 À tentação da morte que o invade.
 Sonho doar auxílio ao doente sem nome
 A fim de que suporte
 Ao duro sofrimento que o consome
 Livrando-se, por fim, das lâminas da morte,
 Quero sair daqui para que alguém me aceite
 De modo a ser o amigo sorridente,
 Que ofereça uma xícara de leite
 A criança doente.
 Quero ser cobertor para quem sente frio,
 Prato que nutra, força que refaça,
 Algo que plante amor no coração vazio,
 Instrumento do bem que ajuda, serve e passa.
 Mas ouve, amigo meu, não me faças razão
 De largar este cofre e levar-te à prisão.
 Trabalha e vem buscar-me
 Sem calúnia, sem crime, sem alarme,
 Quero ser luz e ação em tudo o que progrida
 E seiva a circular nas árvores da vida.
 Vê onde a sovinice me prendeu,
 Não te desejo o cárcere em que moro
 Na prova rude que me aconteceu.
 Quero ser livre e forte, assim como és,
 Caminhar com teus pés
 Aspiro a ser-te amigo e companheiro...

22 • A Lição do Dinheiro

FRANCISCO CÂNDIDO XAVIER/MARIA DOLORES/82

Calara-se o Dinheiro
 E o pobre salteador inexperiente,
 Recuando, atingiu grande portão à frente.

Nisso, o dono da casa, envolto em grande escolta,
 Veio à mansão de volta;
 Vendo o lar violentado e o cofre aberto
 Com o dinheiro intocado,
 Saudou o salteador que via perto
 E acreditando nele a presença de alguém
 Que lhe guardara a casa para o bem,
 Agradeceu-lhe o gesto
 De homem leal e honesto...

Sustentando o silêncio e a tristeza no olhar,
 O pobre sem vintém começou a chorar...

Ali mesmo, porém, começou vida nova,
 Transformado por dentro, alterou-se-lhe a prova;
 Passando a servidor da mansão que arrombara,
 Agia com firmeza, nobre e rara...
 Trabalhou a formar, de tostão a tostão,
 Os bens com que sabia socorrer
 Quem achasse a sofrer...
 E quando auxiliava aos semelhantes
 Em provações alucinantes
 Nos quais dizia ver os próprios irmãos seus,
 Rememorava a fala do milhão
 E clamava, em voz alta, ao lembrar-lhe a lição:
 — Obrigado, meu Deus!...